

## A formação do leitor nas salas de aula de ensino médio: entre a teoria e a prática

**Resumo:** Este artigo visa traçar um perfil dos estudantes do Ensino Médio acerca de suas experiências enquanto leitores e da importância da leitura para a constituição de sua humanização e cidadania. Para isso, partimos do seguinte questionamento: quais são as práticas de leitura dos alunos do Ensino Médio e suas representações discursivas sobre a leitura e sobre o que é ser leitor? O objetivo central consistiu em relacionar e analisar as práticas de leitura desses sujeitos e as suas representações discursivas sobre o que é leitura, o que é ser leitor, as obras literárias lidas atualmente e a importância de tais obras para a sua constituição identitária. Nossa hipótese foi que as estratégias didáticas utilizadas em salas de aula do ensino médio não têm sido suficientes para motivar a leitura de obras literárias. O *corpus* selecionado consistiu de um conjunto de entrevistas relativas às práticas de leitura do público alvo em questão, bem como de relatos de experiências sobre obras literárias lidas, com destaque para a sua formação humanística. Tal descrição e análise se justificam, pois nos permitem compreender as teorias e concepções de leitura que evoluem do discurso desse público leitor, a importância da leitura para a sua formação humana e cidadã, bem como suas crenças sobre quais os tipos de (ou quais) obras literárias devem ser solicitadas e trabalhadas nas instituições escolares. Tal análise fundamenta-se em um referencial teórico que privilegia a leitura como forma de produção de sentido, experiência e constituição identitária; as práticas de letramento literário com foco na pluralidade cultural. Para tanto, serão privilegiadas as obras dos seguintes autores: Candido (1995), Cosson (2007), Larrosa (1998), Paulino (2004), Maria (2009), entre outros.

**Palavras-chave:** literatura; letramento literário; experimentações estéticas.

A pesquisa busca apresentar um perfil dos estudantes do Ensino Médio quanto às suas experiências como leitores e a importância da leitura para a sua constituição identitária. A pergunta-chave norteadora da pesquisa foi: quais são as práticas de leitura dos alunos do Ensino Médio e suas concepções de leitura e de leitor? Partimos da hipótese de que as estratégias didáticas utilizadas em salas de aula do ensino médio não têm motivado de forma satisfatória a leitura de obras literárias. Para melhor compreensão do objeto a ser investigado, buscamos refletir sobre a importância da literatura para a humanização e ainda de como os professores devem investir em efetivas práticas de letramento

**Guilherme Augusto Sousa Eler**

CEFET-MG Campus Timóteo

**Paula Arthuso Carvalho**

CEFET-MG Campus Timóteo

**Luiz Antônio Ribeiro**

CEFET-MG Campus Timóteo

ELER, G.A.S.; CARVALHO, P.A.; RIBEIRO, L.A. A formação do leitor nas salas de aula de ensino médio: entre a teoria e a prática. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 1, 2017. Timóteo. *Atas da [...]*. Timóteo: CEFET-MG, 2017, p. 86-97. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/publicacoes-da-1a-lite/>. Acesso em: ...

---

literário, que possam contribuir para a formação leitora de seus alunos. A abordagem prática se deu a partir de entrevistas realizadas com alunos do Ensino Médio na região do Vale do Aço, tabulação dos dados e análises dos mesmos.

### **O Letramento Literário no Ensino Médio**

Esta seção visa a discutir sobre o ensino de literatura nas escolas de ensino médio. Há um consenso de que os alunos apresentam forte resistência à leitura de obras literárias e não valorizam essa prática como algo importante para sua formação humana e cidadã. Observa-se também pouca fundamentação teórico-prática por parte dos professores sobre o que significa ensinar literatura e como essa prática deve ser trabalhada nas escolas. Apoiados muitas vezes nos livros didáticos adotados, muitos professores se atêm à teoria da literatura e acabam por não envolver seus alunos em práticas de letramento literário, que oportunizem a fruição literária, bem como o despertar de uma consciência crítica e cidadã.

Diante desse quadro e acreditando na importância do ensino de literatura para a formação humana e cidadã, traremos à baila uma discussão sobre o que é literatura, quem é o leitor e sobre a importância de as escolas efetivarem práticas de letramento literário que oportunizem aos alunos uma experiência estética bem como o despertar do senso crítico, a formação ética e a autonomia intelectual.

Concebida como um fenômeno artístico, a literatura recria ficcionalmente a realidade e por meio dela nos apoderamos e nos empoderamos de nossa realidade sociocultural. Daí que seu ensino deve ser globalizante e transformador, de tal modo a possibilitar a construção de novos significados e a adoção de um posicionamento crítico diante da realidade. Sob esse viés, a literatura pode ser definida como:

[...] um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformado em material estético. (COUTINHO, 2008, p. 23).

A literatura, sob esse viés, possibilita que o sujeito leitor compreenda melhor sua condição de estar no mundo, reflita sobre suas próprias experiências, conscientize-se da importância de atuar em função de uma transformação pessoal e do contexto sociocultural no qual está inserido. Enfatiza-se, nesse sentido, o caráter humanizante e libertário da literatura, conforme assevera Antônio Candido:

Ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, a literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um “bem incompressível”, pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CÂNDIDO, 1995, p. 243).

Compreendida a definição de literatura e sua função humanizadora, voltamos agora nossa atenção para quem é o leitor. Segundo Uchôa (1991, p. 76), leitor é “aquele que, lendo um texto, é capaz de discutir ideias, expor interpretações individuais e partilhar das experiências geradas pela incursão nos textos, em suma, alcançar o adentramento crítico da leitura feita”.

---

O ato de ler pressupõe um diálogo entre leitor e autor, mediado pelo texto. Cabe a ele construir significados a partir do texto e do contexto em que ele está inserido.

Segundo Cosson (2007, p. 17), “a literatura é uma experiência a ser realizada”. O texto literário, dado o seu caráter ficcional, poético e/ou dramático, possibilita-nos expressar a nossa visão de mundo, vivenciar a experiência do outro, bem como romper os limites do tempo e do espaço. Destaca-se, dessa afirmação, que o significado gerado a partir do encontro dos sujeitos — escritor e leitor — será sempre polissêmico e mutável.

Tendo como base esses conceitos, apresentamos a seguinte questão: que leitor queremos formar? Um leitor que apenas tenha contato com a parte estrutural da literatura; ou um leitor que consiga absorver tudo que uma obra tem, além do enredo? Segundo Todorov (2010), o ensino tradicional de literatura compreende dois eixos: o ensino da parte estrutural da literatura, que envolve as partes de um texto (enredo, clímax, etc.); e o da humanística, que envolve os significados que o autor almeja passar com o texto.

Atualmente, por motivos utilitários, que envolvem o fato de o aluno do ensino médio ter de ser, teoricamente, preparado nas escolas para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, o caráter estrutural da literatura tem sobreposto ao seu caráter humanitário. Cosson (2007) afirma que, quando o foco dos estudos passa a ser o uso de cânones da literatura brasileira para comprovar estilos de época e biografia de autores, esse estudo não só está deixando de cumprir o verdadeiro papel da literatura, como também está tirando a liberdade e prazer dos alunos, uma vez que, de forma geral, essas leituras são obrigatórias e sem consentimento dos mesmos.

Todorov (2010) justifica o título da sua obra “A literatura em perigo”, considerando que isso ocorre devido a duas principais causas: a primeira é que ela pode e está sendo usada por determinadas classes sociais para causar alienação, pois alguém que pensa pode representar um perigo para governos corruptos; a segunda se refere ao fato de que o caráter humanitário da literatura, o qual permite uma comunicação entre leitor e o autor da obra, está sendo sobreposto por seu caráter estrutural. Porém, para ele, essa parte humanitária da literatura é tão importante quanto a sociologia e a filosofia, pois, enquanto estas usam e tratam conceitos como universais, a literatura costuma usar e tratar conceitos individuais.

A leitura como experiência e formação está intrinsecamente relacionada à constituição da subjetividade. Larrosa (2003, p. 28) observa que “a experiência seria o que nos passa”. Chamamos a atenção para o caráter reflexivo dessa citação, uma vez que a experiência da leitura resulta da ação do sujeito que lê e da transformação que a leitura provoca nele. O autor destaca os múltiplos e diferenciados estímulos que nos são imediatamente acessíveis, tais como os livros e as obras de arte. Entretanto, embora estejam à nossa disposição, muitos deles apenas passam por nós, mas não resultam em experiências significativas e transformadoras, capazes de moldar a nossa subjetividade.

Cosson (2007, p. 20), afirma que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”, ou seja, o estudo do caráter humanitário da literatura permite integrar o aluno à cultura contemporânea, ao passo que ele permite que o leitor se comunique com o autor da obra, aprendendo sobre a época em que ela foi escrita.

---

Em contrapartida, esse estudo não é ideal para o ensino da forma culta da língua, devido ao fato de que nem todas as obras estão de acordo com essa forma.

Em consonância com essa percepção, o ensino de literatura deveria privilegiar práticas voltadas para o letramento literário. O letramento literário, ainda segundo Cosson (2007, p.24), diz respeito ao estado ou condição daquele que não apenas consegue decifrar o conteúdo verbalmente escrito, mas daquele que, a partir de suas experiências estéticas, consegue enxergar as entrelinhas e a partir delas promover a construção literária de sentidos.

Vale destacar a importância de se considerarem as experiências dos alunos, uma vez que a sua competência leitora será cada vez abrangente, quanto maior for o seu grau de complexidade e significação. Referimo-nos, neste contexto, à experiência

[...] que vai acrescentando conhecimentos vários à nossa teoria de mundo, vai nos tornando capazes de formular melhores e mais promissoras previsões, seja diante dos textos ou dos infinitos desafios que a vida nos coloca permanentemente. É aquela experiência que, em geral, dorme em nossas memórias, sem a gente sequer se dar conta da existência dela, mas que de repente irrompe e vai se juntar a alguma outra informação, promovendo conhecimento. (MARIA, p. 87-88, 2009)

O conhecimento do repertório de leitura dos alunos, bem como de suas concepções sobre o que é leitura e ser leitor, favorecerá o desenvolvimento de um conjunto de estratégias que lhes possibilitem o desenvolvimento da educação literária e de padrões de humanização. A esse respeito, observa o crítico literário Antônio Cândido (1995) que a humanização nos permite desenvolver habilidades essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, um olhar diferenciado sobre o mundo e sobre o indivíduo, o afinamento das emoções, a capacidade de compreender e buscar soluções para os problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada é a da pesquisa-ação. Segundo Kemmis e MC. Taggart (1988), esse modelo de pesquisa se caracteriza por ser desenvolvida pelo próprio professor/pesquisador e não por um pesquisador externo, que apenas observa, descreve e compreende o fenômeno e por ser colaborativa, pois as ações do professor/pesquisador e dos orientandos estão inseridas no contexto a ser pesquisado.

Para nortear a pesquisa, utilizamos a seguinte pergunta-chave: Quais são as práticas de leitura dos alunos do Ensino Médio e suas concepções de leitura e de leitor? A hipótese subjacente é de que as estratégias didáticas utilizadas em salas de aula do ensino médio não têm motivado satisfatoriamente a leitura de obras literárias.

Propusemo-nos a analisar as práticas de leitura de alunos do Ensino Médio e as suas representações sobre o que é leitura e o que é ser leitor, o tipo de obras literárias lidas atualmente e a importância de tais obras para a sua constituição identitária. Esse objetivo geral se desdobrou nos seguintes objetivos específicos: apresentar os pressupostos teórico-metodológicos que constituem um quadro de referência sobre leitura, literatura, experimentações estéticas e subjetivação; criar uma relação entre as práticas de leitura realizadas por alunos do

---

Ensino Médio e narradas por eles; categorizar as representações de leitura e de leitor internalizadas pelo público objeto da pesquisa; e apresentar propostas de trabalho relacionadas à leitura literária e que considerem a experiencição e a exploração do potencial emocional dos alunos-leitores.

O *corpus* consistiu de um conjunto de 97 (noventa e sete) questionários sobre como é e como se dá a experiência literária pessoal. As entrevistas foram realizadas com alunos do Ensino Médio da região do Vale do Aço e nos permitiram analisar as suas práticas de leitura e suas representações discursivas acerca desse assunto. Também nos possibilitou conhecer as práticas de ensino adotadas pelos professores, bem como compreender a importância de propor novas estratégias de ensino com foco no letramento literário.

### **Apresentação e análise dos dados**

A partir da perspectiva do aluno, procuramos entender como se dá sua formação leitora. Para tal, foi proposta a criação de um questionário constituído por doze perguntas subjetivas referentes às representações dos alunos acerca da literatura e de sua formação enquanto leitor. O público-alvo constituiu-se de alunos do ensino médio da região do Vale do Aço, em Minas Gerais, estudantes de escolas particulares e públicas.

Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos a partir das questões propostas. Para fins desta pesquisa, selecionamos sete das doze questões elaboradas, bem como o perfil dos leitores. As questões escolhidas foram:

Questão 2: “Que estratégias didáticas seus professores costumam usar para motivar os alunos à leitura de obras literárias?”;

Questão 3: “Que tipo(s) de livro mais prende(m) a sua atenção?”;

Questão 4: “Para você, o que é literatura?”;

Questão 5: “O que é ser um bom leitor?”;

Questão 6 “Quantos livros de literatura você costuma ler por ano?”;

Questão 7: “Quais são os principais obstáculos que você costuma enfrentar para ler um livro?”;

Questão 8: “Quais são os principais motivos que levam você a ler um livro?”.

As respostas obtidas foram separadas de acordo com as suas afinidades e os dados foram tabulados com a utilização da ferramenta Excel.

### **I - Perfil dos Leitores**

Antes de discutirmos sobre os resultados das perguntas em questão, buscamos identificar o perfil desse público, considerando para tanto os seguintes indicadores: sexo, idade, série, tipo de escola em que estuda. Vejamos:

---

## Escola

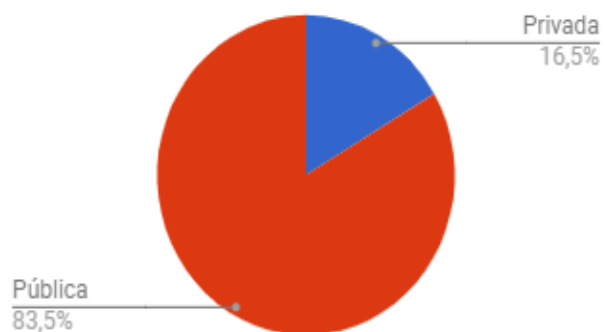


Gráfico 1: Tipo de Escola. Fonte: Corpus da pesquisa.

## Série

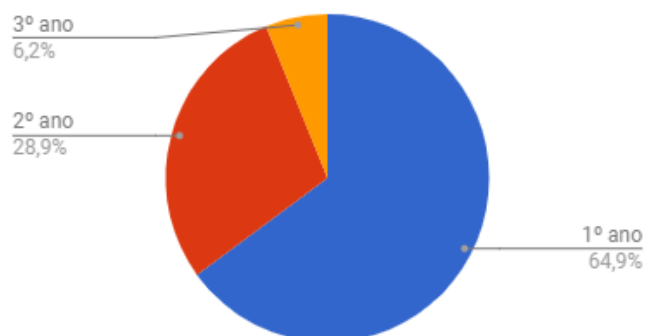


Gráfico 2: Série em curso. Fonte: Corpus da pesquisa.

## Sexo

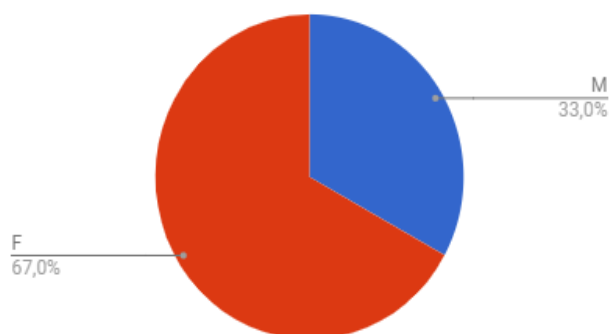


Gráfico 3: Distinção por sexo. Fonte: Corpus da pesquisa.

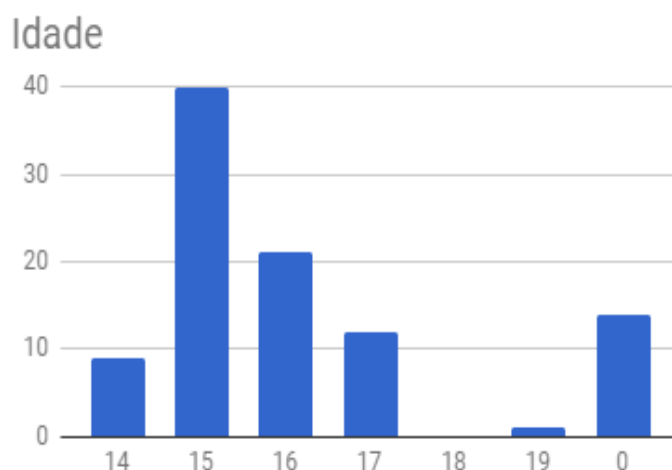


Gráfico 4: Variação de idade. Fonte: Corpus da pesquisa.

No primeiro gráfico, observa-se que mais de três quartos dos entrevistados estudam em escolas de ensino público. O segundo, “Série”, apresenta a quantidade de entrevistados de cada ano escolar do Ensino Médio, com destaque para o primeiro ano, que corresponde a 64,9% das respostas obtidas. O terceiro, “Sexo”, evidencia que, majoritariamente, a pesquisa foi composta pelo público feminino, que atingiu o percentual de 67%. E, por último, “Idade”, mostra que a idade média dos entrevistados está entre 14 e 19 anos, sendo que a maioria compreende a faixa etária de 15 anos; o “0” indica que a idade não foi informada.

## II. Análise das perguntas

A questão 2 buscou identificar as estratégias didáticas que os professores costumam usar para motivar os alunos à leitura de obras literárias.

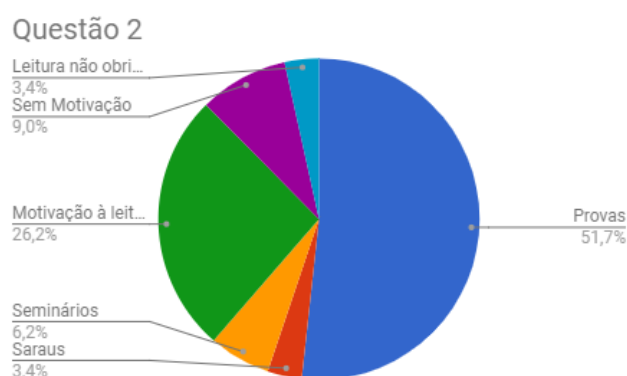


Gráfico 5: Estratégias didáticas de incentivo à leitura. Fonte: Corpus da pesquisa.

As respostas evidenciam que a categoria “Provas”, com 51,7% das respostas, continua sendo o principal recurso didático para incentivo à leitura. Considerando-se o caráter obrigatório da avaliação, observa-se que essa estratégia representa muito mais uma forma de coibição do que propriamente de incentivo à leitura. Observa-se a iniciativa de alguns professores quanto ao incentivo à leitura, quando nos detemos nos indicadores “Motivação à Leitura em Sala de Aula”, com 26,2%, que compreende estratégias do tipo leituras de resenhas sobre a

obra e leituras coletivas; seminários, com 6,2% e saraus, com 3,4%. Pelas entrevistas realizadas, o indicador “Leitura não obrigatória, com 3,4%, também foi considerado um fator positivo, já que os alunos poderiam fazer suas escolhas literárias. Já o indicador “Sem motivação”, com 9%, mostra a completa ausência de ações de incentivo à leitura, o que é um fator preocupante.

A questão 3 busca identificar o(s) tipo(s) de livro que mais prende(m) a atenção dos alunos.

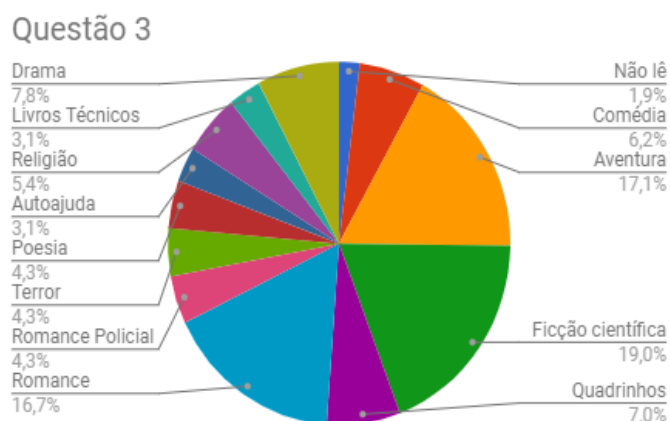


Gráfico 6: Tipo de livro. Fonte: Corpus da pesquisa.

A categoria que mais atrai esse público leitor é “Ficção Científica”, seguida de “Romance” e de “Aventura”. Como o público-alvo é eminentemente feminino, criou-se a expectativa de que a categoria romance fosse a primeira escolha, entretanto não foi o ocorrido, o que pode ser um indício de mudança de comportamento. É importante destacar, conforme mostram as respostas apresentadas nos questionários, a existência de um público considerável de leitores que manifestaram predileção por “Quadrinhos”, em especial os mangás, que se tratam de histórias em quadrinhos de origem japonesa.

A questão 4 apresenta a compreensão do público alvo sobre o que é literatura:

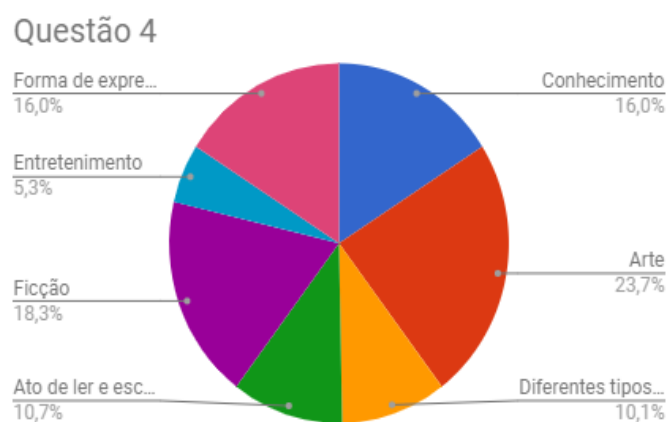


Gráfico 7: Definição de literatura. Fonte: Corpus da pesquisa.



É importante destacar a percepção dos alunos em relação ao conceito de literatura, principalmente no que diz respeito ao seu caráter humanístico. Sob esse viés, ganha relevo a compreensão de literatura como “arte”, “ficção”, “forma de expressão” e “entretenimento”. Por sua vez, o caráter utilitário da literatura pode ser percebido pelos indicadores “conhecimento” e “ato de ler e escrever”. Outras percepções de menor relevância foram agrupadas no indicador “diferentes tipos” e estão relacionadas a ato de ler e escrever e diferentes tipos de arte.

A questão 5 destaca as representações dos alunos acerca do que é ser um bom leitor:

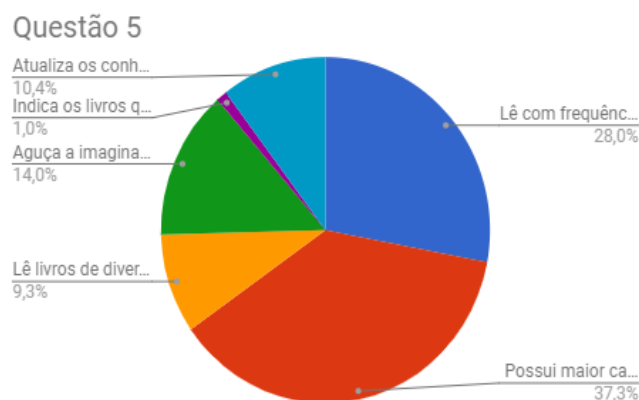


Gráfico 8: Representações sobre o que é ser um bom leitor. Fonte: Corpus da pesquisa.

É interessante observar que as representações atribuídas a um bom leitor aproximam-se da definição de letramento literário ora discutida no presente artigo. Ganham relevo competências relacionadas à capacidade de interpretação/apreciação da obra literária, de atualização de conhecimentos e de estímulo à imaginação. Também obteve realce o indicador “Lê com frequência”, o que aponta para a ideia de que o desenvolvimento de bons hábitos de leitura está atrelado ao exercício constante da mesma. O indicador “Lê livros de diversos autores” também sinaliza a importância da experiência como fator essencial para a formação de um bom leitor.

A questão 6 refere-se à frequência de leitura por parte do público entrevistado:

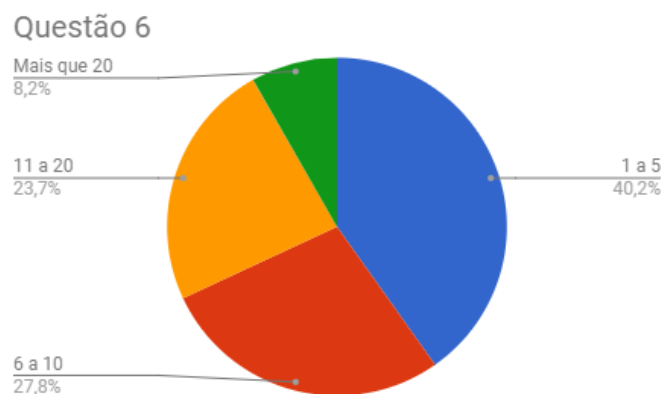


Gráfico 9: Frequência de leitura (Livros lidos por ano). Fonte: Corpus da pesquisa.

Pode-se observar que a maioria dos entrevistados se encaixam nas categorias de “1 a 5” e de “6 a 10”, que se referem à média de livros lidos por ano. Não ficou claro, na pesquisa, se as

leituras feitas ocorrem de forma espontânea, se atendem a uma exigência escolar ou se representam uma somatória destas e outras possibilidades. Apenas 31,9% dos jovens que responderam à pesquisa afirmaram ler mais de dez livros por ano. As respostas parecem ir de encontro a um sentimento generalizado de que os jovens não gostam de ler.

A questão 7 apresenta os motivos/barreiras que impedem o aluno de ter uma frequência maior de leitura.

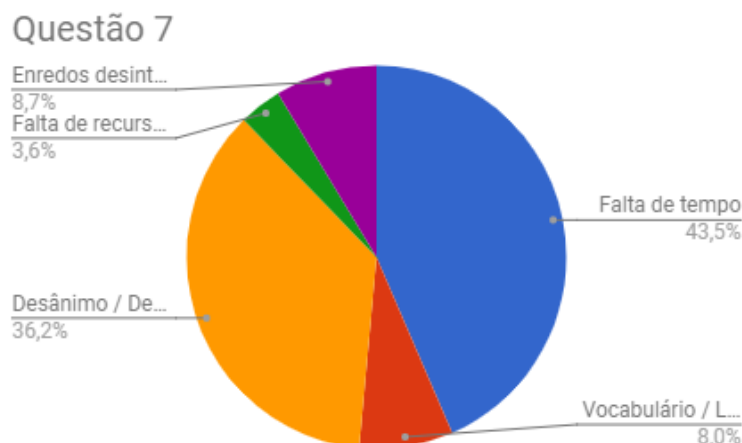


Gráfico 10: Obstáculos enfrentados quanto à leitura de livros. Fonte: Corpus da pesquisa.

Sobre as barreiras encontradas durante uma leitura, observa-se que os indicadores mais ostensivos envolvem problemas que não se relacionam especificamente à leitura em si, como se observa pelos itens “Falta de Tempo” e “Desânimo/Desinteresse/Cansaço/Falta de concentração”. Os itens “Vocabulário/Leitura Densa” e “Enredos desinteressantes” apresentam baixos índices e não estão entre os principais motivos que impedem o aluno de praticar a leitura. Apesar de ter sido o fato menos relatado pelos entrevistados, a “Falta de Recursos”, que se refere à dificuldade de ter acesso a um livro, seja por falta de uma biblioteca, ou mesmo por falta de dinheiro para comprá-lo, também aparece no gráfico.

A última questão retrata os principais motivos que levam os alunos a lerem um livro:

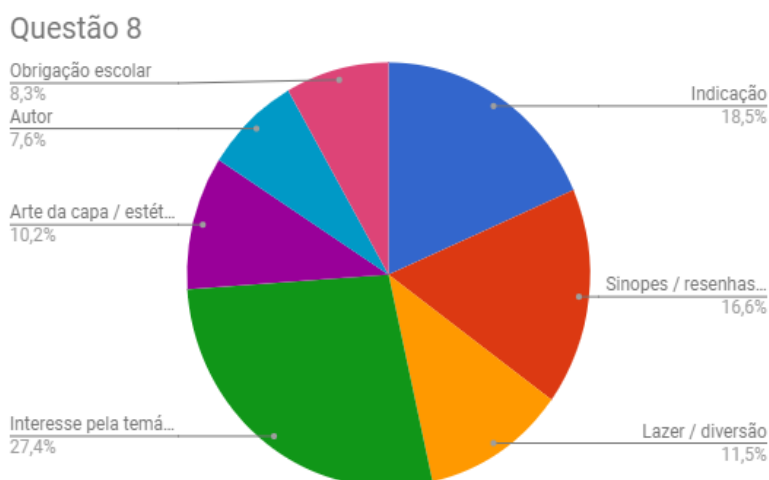


Gráfico 11: Motivos para leitura de um livro. Fonte: Corpus da pesquisa.

---

O indicador “interesse pela temática” aparece como o principal motivador para leitura. É interessante observar que as indicações feitas pela comunidade de leitores, bem como a leitura de sinopses e resenhas influenciam a leitura de livros, ou seja, em geral os alunos procuram ler uma obra sugeridos por leituras prévias. A ideia de que os alunos não gostam de ler mais uma vez será desmistificada, pois, conforme apontam os dados, aqueles que leem por obrigação escolar não chegam nem a 10%.

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa, buscamos promover uma discussão acerca das práticas pedagógicas utilizadas pelos professores para a formação leitora de alunos do ensino Médio. No referencial teórico, procuramos refletir sobre o que é literatura e quais são as contribuições que a leitura do texto literário pode oferecer à formação humanística e cidadã dos jovens. Discorremos também sobre como as práticas de letramento literário fundamentadas nas experimentações estéticas podem ser mais eficientes tanto para motivação e desenvolvimento de hábitos de leitura, quanto para estímulo ao senso crítico e promoção da autonomia.

Quanto à abordagem prática, propusemos analisar as práticas leitoras dos alunos do ensino médio, bem como suas concepções sobre literatura e leitor. A pesquisa realizada confirma a hipótese aventada, de que os professores não têm conseguido motivar suficientemente seu público alvo para a leitura de obras literárias. As entrevistas realizadas evidenciaram, por exemplo, que a maior motivação existente em sala de aula para a realização de uma leitura diz respeito a atividades avaliativas sobre a obra lida. A concepção de literatura expressa pelos entrevistados envolve tanto questões lúdicas, ficcionais e artísticas, quanto aspectos utilitários, relacionados à forma de obtenção de conhecimento. Já a concepção de leitor apresentada destaca competências relativas à capacidade de interpretação/apreciação da obra literária, de atualização de conhecimentos e de estímulo à imaginação, bem como a importância do exercício frequente da leitura para a formação leitora.

A pesquisa também desmistifica a ideia de que o aluno não gosta de ler. Sua predisposição à leitura ocorre principalmente quando ele pode escolher as obras a serem lidas. As principais barreiras apresentadas para a leitura são desânimo, desinteresse, cansaço, falta de concentração e de tempo.

Se os professores estiverem dispostos a motivar os alunos do ensino médio para a leitura de obras literárias, deverão buscar estratégias mais eficientes que possam envolvê-los em efetivas práticas de letramento literário. É preciso abandonar o método obrigatório de leitura, avaliada por meio de provas e exercícios de memorização, e propor novas possibilidades, tais como negociar com o aluno leitor as obras a serem lidas; desenvolver atividades de leitura que promovam a interação entre o leitor, obra e autor, bem como entre os próprios alunos, de modo a organizar uma comunidade de leitura; motivar os alunos a narrarem suas experiências de leitura; promover oficinas de leitura e desenvolver atividades de retextualização. Enfim, é preciso oportunizar aos alunos a vivência literária por meio de experimentações estéticas. Só assim estaremos contribuindo para o desenvolvimento da sua autonomia, do despertar do senso crítico e de valores voltados para a constituição da cidadania e de padrões de humanização.

---

## Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos: o direito à literatura*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LARROSA, J. *La experiencia de la lectura*. México: FCE, 2003.

MARIA, Luzia de. *O clube do livro*. São Paulo: Globo, 2009.

UCHOA, Carlos Eduardo F. A linguística e o ensino de português. In: *Cadernos de Letras*, n. 2. Niterói: UFF/Instituto de Letras, 1991.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.